

VINHOLA

O livro é de 1880, edição dos Laemmert, rua do Ouvidor, 66; mas o que se escreveu depois d'êle, sôbre o mesmo assunto, no Brasil, não vale o que êle contém. Trata-se de "O Vinhola Brasileiro", manual prático do engenheiro, arquiteto, pedreiro, carpinteiro, marceneiro e serralheiro, em que são ensinadas as principais regras de construção, elucidadas por inúmeras estampas. O autor é Cesar de Rainville, formado nas Escolas Politécnicas de Hannover e Carlsruhe, engenheiro de 1.ª classe da Repartição Geral dos Telégrafos e chefe do Distrito de Itabapoana a Caravelas, ex-inspetor geral das obras públicas da província do Espírito Santo.

Brasileiro ou não, o autor tabutou muito pelo interior do Brasil, e o livro resume sua experiência. Assim êle não vos ensina apenas como colocar telhas e ardósias, mas também tabuinhas e até palha, com tôda a minúcia; adverte que ela deve ser cortada "no escuro" pois com luz clara apodrece facilmente; diz que podemos usar sapê, ou aricança, fôlhas de palmito ou guriri, táboa ou tiririca. Fala-vos gravemente do cinó, a que chama "o prego do Brasil", mas também das embiras, inclusive a da guaxuma. Ensina como se faz o adobe, a taipa de pilão e de sopapo, o preparo da terra e do taipal, mas também disserta longamente sôbre tijolos, estuques, e o corte de pedras para a cantaria. Além de cuidar de mil matérias práticas dos vários officios de que fala o frontispício do livro, êle vos dá alguns conselhos gerais de arquitetura, criticando com bom senso a mania das fachadas: "em casas pequenas se deve antes preferir a comodidade do edificio à simetria exterior, visto como a gente mora dentro da casa, e não da parte de fora. Assim também o arquiteto não deve ser escravo da simetria das portas e janelas: deve olhar mais para os costumes e a comodidade dos habitantes da casa... um arquiteto de bom gosto facilmente se colocará acima da simetria oueril..."

Afirma, em matéria de estilo que "uma simplicidade nobre e proporções em regra devem sempre preferir-se a ornamentos inúteis" e firma este principio funcional com tôda a tranquillidade: "a casa serve para morada do homem" daí concluindo que "êle deve, pois achar na casa tudo quanto precisa para o exercicio da sua industria ou profissão e tudo quanto os seus costumes e os seus usos requerem para viver cômodamente".

CM 6.3.54

globo 4.1.61

M 598

DN 10.1.67

Creio que a leitura de tal livro poderá ser muito útil a muita gente, inclusive a alguns arquitetos modernos medíocres que se escravizam aos novos materiais e aos seus efeitos decorativos, no lugar de se servirem d'êles e dos antigos para melhor construir a "morada do homem". Uma nova edição, com notas de algum arquiteto competente que entenda alguma coisa também dos officios de construir, de lidar com o pau, a pedra, o barro, a madeira, e ferro, o cimento e o vidro — esta a sugestão que trago aqui ao Augusto Mever, do Instituto do Livro ou ao Simeão Leal, do Ministério da Educação.

Para anotador estou pensando aqui, já muitos leitores imaginam, em Lúcio Costa. É um homem difficil, mas possível quando se trata de uma boa obra. Iluminado por notas de uma pessoa assim, e com mais algumas ilustrações, "O Vinhola Brasileiro" poderá valer muito: um dos seus melhores méritos é a atenção que dá à parte econômica, os conselhos sôbre orçamento de obras e seus erros mais comuns, e o aproveitamento em cada caso do material mais adequado dentre os mais econômicos no local. Os materiais hoje são outros (em grande parte) e os tempos também. Mas o Brasil ainda é muito de barro e de cinó — e o bom senso e bom gosto não envelhecem, ou envelhecem bem.

6/3/54

R. B